

FICHA TÉCNICA

www.manuscrito.pt
facebook.com/manuscritoeditora
instagram.com/manuscrito_editora

© 2019

Direitos reservados para Letras & Diálogos,
uma empresa Editorial Presença,
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título original: *Animais que ficaram para a história*
Autores: *Raquel Oliveira e António Lopes*
Copyright © Raquel Oliveira & António Lopes, 2019
Copyright © Letras & Diálogos, 2019
Revisão: *Ana David Silva/Editorial Presença*
Imagens da capa: *Shutterstock*
Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

ISBN: 978-989-8975-06-5
Depósito legal n.º 457 060/19

1.ª edição, Lisboa, julho, 2019

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO | 11 |
| I ANIMAIS QUE ESCAPARAM À PASSAGEM DO TEMPO | 17 |
| 1. Bucéfalo, o grande | 18 |
| 2. Sírius, o elefante de Aníbal | 20 |
| 3. Incitatus, um cavalo no senado romano | 21 |
| 4. Alão, o explorador | 23 |
| 5. Bravor: caçadas públicas, afetos privados | 24 |
| 6. Guinefort, um cão santo | 25 |
| 7. Hanno, um presente impressionante | 27 |
| 8. Ganda, o rinoceronte de D. Manuel que espantou a Europa .. | 30 |
| 9. Marengo, o cavalo favorito de Napoleão | 33 |
| 10. Jumbo, o maior do mundo | 35 |
| 11. Zarafa e a girafamania | 37 |
| II ANIMAIS HERÓIS DE GUERRAS E DE BATALHAS | 41 |
| 12. Becerrillo, a fera que deu uma lição de humanidade | 42 |
| 13. Cher Ami, um herói nacional | 44 |
| 14. Sam, o presumível sobrevivente | 46 |
| 15. Smoky, a guerra e o Facebook | 48 |
| 16. Stubby, o animal mais medalhado da Primeira Guerra Mundial | 50 |

| | |
|---|-----|
| 17. Chips, o cão mais condecorado da Segunda Guerra Mundial | 51 |
| 18. Judy, uma prisioneira de guerra | 53 |
| 19. Wojtek, o urso soldado | 55 |
| 20. Willy, o segundo cabo é uma cabra | 58 |
| 21. Sargento Reckless, a égua que tomava café | 60 |
| 22. Bing, o herói da Normandia | 62 |
| 23. Ling Wang: o «avô» confiscado | 64 |
| 24. Tuffy, o marinheiro | 66 |
| 25. Xangai, o cão que domina a tradição | 68 |
| 26. Feeling, uma referência na campanha do Afeganistão | 69 |
| 27. <i>Sir Nils Olav III</i> , um militar no topo da carreira | 70 |
| | |
| III ARTES E DESPORTO COM PROTAGONISTAS DE PRIMEIRA | 73 |
| 28. Marocco, o cavalo dançarino | 74 |
| 29. Kurika, um leão em forma de cão | 76 |
| 30. Chiquita e Josephine Baker | 78 |
| 31. Boatswain, o cão que inspirou Lorde Byron | 80 |
| 32. Delilah, a <i>superstar</i> | 82 |
| 33. Chico, o papagaio de Amália Rodrigues | 84 |
| 34. Lump, o grande amor de Picasso | 86 |
| 35. Snow White, o primeiro gato de Hemingway | 87 |
| 36. Jean, uma estrela do cinema mudo | 89 |
| 37. Rin Tin Tin, o outro herói do cinema mudo | 91 |
| 38. Lassie, uma história intemporal | 92 |
| 39. Jiggs: o chimpanzé que representou um papel feminino | 94 |
| 40. Flipper, o golfinho astro | 97 |
| 41. Terry, a estrela de Oz | 99 |
| 42. Stepan, uma companhia de peso | 101 |
| 43. Mick the Miller, um recordista com muito estilo | 102 |
| 44. Godolphin, um puro-sangue brasonado | 105 |
| 45. Snowman, um vencedor inesperado | 106 |
| 46. Night Hawk, o cão surfista | 108 |
| 47. Ashley, o campeão do disco voador | 110 |
| 48. Ourasi, mais rápido do que o vento | 112 |

ANIMAIS QUE FICARAM PARA A HISTÓRIA

| | |
|---|-----|
| IV ANIMAIS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A CIÊNCIA | 115 |
| 49. Koko, perdida por gatos | 116 |
| 50. Congo, o pintor surpresa | 119 |
| 51. Flo e os segredos da evolução | 121 |
| 52. Laika, a primeira cosmonauta canina | 124 |
| 53. Miss Baker, a macaca-esquilo que foi ao espaço e voltou ... | 126 |
| 54. Hans, o cavalo prodígio | 128 |
| 55. Georges, um mensageiro do passado | 130 |
| 56. Alex e Irene, uma dupla para a vida | 132 |
| 57. Dolly, a ovelha que surpreendeu o mundo | 135 |
| 58. Leo e Hércules em tribunal | 136 |
| V ANIMAIS QUE GRAÇAS AOS SEUS FEITOS MERECEM NOTORIEDADE | 139 |
| 59. Maneki Neko, um amuleto simpático | 140 |
| 60. Pilote, a cadela que salvou Montreal | 142 |
| 61. Titina nos céus do Polo Norte | 144 |
| 62. Jim, o cão maravilha | 146 |
| 63. Hachiko contra o tempo | 148 |
| 64. Bobbie, uma perda insuportável e um regresso muito saudado | 149 |
| 65. Owney, à boleia do carteiro | 151 |
| 66. Patsy, mestre de cerimónia do Alasca | 153 |
| 67. Tibbles, caçador de troféus | 155 |
| 68. Huberta, um espírito livre | 157 |
| 69. Bob, o ferroviário | 159 |
| 70. Baby, a gata-guia | 160 |
| 71. Uma Lady na maior tragédia marítima | 161 |
| 72. Buddy, uma campeã na defesa dos direitos dos cães-guia | 163 |
| VI ANIMAIS COM UMA PALAVRA A DIZER NA POLÍTICA | 167 |
| 73. Ling-Ling, um gigante da paz | 168 |
| 74. Checkers, o cão de Richard Nixon | 171 |
| 75. Ahmedabad, um nome que quase provocou um incidente internacional | 173 |
| 76. Nelson e Jock, os gatos de Winston Churchill | 174 |
| 77. Tião, o candidato do povão | 177 |

| | |
|--|-----|
| 78. Charlie, um companheiro improvável | 179 |
| 79. Bo, um português na Casa Branca | 181 |
| 80. Duke, o cão que já realizou três mandatos como <i>mayor</i> | 183 |
| | |
| VII ANIMAIS NOBRES QUE SALVARAM PESSOAS | 185 |
| 80. Barry e o calor do gelo | 186 |
| 82. Babu e o tsunâmi | 188 |
| 83. Tang, a salva-vidas por excelência | 189 |
| 84. Balto, o herói improvável | 191 |
| 85. Apollo e os limites da força | 194 |
| 86. Zanjeer, um faro que salvava vidas | 195 |
| 87. Whizz, tão empenhado que até salvou um cão | 197 |
| 88. Endal, ao serviço da vida | 198 |
| 89. O milagre de Mancs | 200 |
| 90. Jack, o capitão de serviço | 202 |
| 91. Lulu, de casa para a televisão | 204 |
| 92. Ning Nong, o elefante herói | 206 |
| | |
| VIII ANIMAIS ANÓNIMOS QUE MERECEM UM LUGAR NA HISTÓRIA | 209 |
| 93. Um julgamento surpreendente | 209 |
| 94. Uma excomunhão inesperada | 211 |
| 95. Falcões, predadores multifuncionais | 212 |
| 96. O auroque, o segundo animal mais representado nas gravuras rupestres de Foz Côa | 214 |
| 97. Dodós, ou o destino trágico de uma espécie demasiado bondosa | 215 |
| 98. Quando o animal que nos mata e nos salva é um e o mesmo | 216 |
| 99. Mãe só devia haver uma | 217 |
| 100. Da culinária ao mergulho em apneia | 219 |
| 101. E quanto à moral? Estará aí a fronteira? | 220 |
| | |
| CONCLUSÃO | 223 |
| | |
| BIBLIOGRAFIA CONSULTADA | 225 |
| | |
| WEBGRAFIA | 227 |

I

ANIMAIS QUE ESCAPARAM À PASSAGEM DO TEMPO

Os seus nomes atravessaram os séculos dando raros exemplos de resistência ao tempo. As histórias mais antigas remontam à Antiguidade, onde protagonizaram grandes feitos como os que estão associados a Alexandre e Bucéfalo. Tal como Napoleão é indissociável de Marengo, o cavalo que o acompanhou nas batalhas que travou no início do século XIX.

Nalguns casos, as histórias são pouco detalhadas e podem até confundir-se com lendas ou mitos, como a que está na origem da conquista do município de Alenquer por D. Afonso Henriques. Ou até com santidades surpreendentes.

Mas noutros, os detalhes abundam e através deles ficamos a conhecer melhor não só as histórias de magníficos e exóticos animais, mas também do assombro que provocavam em quem os observava, fosse povo, mercador ou papa. Girafas, elefantes e rinocerontes mobilizavam multidões numa época em que estas espécies representavam mundos completamente desconhecidos do comum dos mortais.

Vinham de África, do Brasil ou da Índia e iam dando conta de como se foram rasgando os horizontes dos europeus, sobretudo a partir do século XV. E de quem mandava também, já que eram símbolos do poder de reis africanos ou europeus. D. Manuel I não deixou ninguém esquecer que Portugal era uma das potências mundiais enviando Hanno a Leão X.

Nos lares destes poderosos senhores, encontravam-se frequentemente cães e gatos, embora poucos nomes tenham chegado até

nós. Os segundos eram independentes e mais conhecidos por darem cabo da rataria, mas os primeiros eram companheiros indispensáveis na caça, uma das atividades prediletas da nobreza e da realeza.

Os mais pequenos exemplares caninos chegaram aos colos reais a partir do século XVII, de onde nunca mais saíram, como muito bem tem provado a família real inglesa.

1. Bucéfalo, o grande

Eis um garanhão aparentemente indomável e um jovem talentoso, cheio de coragem. Esse garanhão chamava-se Bucéfalo e ajudou a construir um dos maiores impérios da história.

Imagine um cavalo de dimensões incomuns, totalmente negro, à exceção de uma mancha branca entre os olhos, em forma de estrela. Batizaram-no com o nome de Bucéfalo, que significa literalmente *cabeça de boi*, e esse nome ter-se-á devido justamente ao seu tamanho invulgar. Consta que Filipe II, o mítico rei da Macedónia e apreciador incondicional de equinos, o desvalorizou. Ao que parece, nenhum dos seus ginetes o conseguia montar. Mas este corcel irrequieto, nervoso e assustadiço estava reservado para grandes feitos. Tão grandes, que haverá poucos animais mais representados na estatuária clássica.

O facto de se tratar de um cavalo evoca logo toda a nobreza e carácter associado a estes animais; de facto, são conhecidas várias situações nas quais a relação entre um cavaleiro e a sua montada envolve contornos de proximidade quase simbiótica. Na antiguidade, o cavalo tinha muito potencial para o estabelecimento desses laços; na generalidade dos *habitats*, era o animal mais apto para percorrer grandes distâncias. Mesmo do ponto de vista simbólico, é muito fácil estabelecer o valor destes animais, considerando apenas o número de estátuas equestres existentes.

Estamos então perante um caso de proximidade tão grande que, quando se fala da pessoa, vem logo o cavalo à memória. Para se perceber essa relação, há que recuar até ao século III a. C. e imaginar um jovem com 16 anos, filho de Filipe II, o rei da Macedónia e o tal

garanhão negro. O jovem, discípulo de Aristóteles, presumivelmente desde os 13 anos, estava muito treinado na observação cuidadosa e não tinha receio de pensar por si próprio. Percebeu assim o que mais ninguém havia percebido: o cavalo era muito poderoso, mas tinha medo da sua própria sombra... Então orientou o animal para o sol, de modo a que ele não a pudesse ver, e montou-o! Ao que consta, Filipe II, que inicialmente havia resistido à intenção do filho, ficou muito irritado com a sua atitude. Mas perante rumores segundo os quais esse feito seria premonitório da glória de Alexandre, acabou por se associar às manifestações de orgulho. A partir desse momento estava constituído o binómio Alexandre/Bucéfalo.

Alexandre poderá ser tido como o exemplo de vida mais tarde protagonizado por James Dean: *Live fast and die young*. Viveu 33 anos — entre 356 a. C. e 323 a. C. —, e chegou ao poder aos vinte, por morte do pai. Nos restantes 13 anos, partindo de uma Grécia unificada (exceção feita a Esparta), construiu um império que se estendeu desde o mar Egeu até ao Egito e à longínqua Índia. Enquanto chefe militar da falange grega, realizou o feito que encheu todos os gregos de orgulho. Derrotou os persas, infringindo-lhes derrotas militares humilhantes. Dário III é o rei que ninguém gosta de recordar por aquelas paragens.

Em toda esta colossal aventura, Alexandre terá tido a companhia de Bucéfalo, os dois com a mesma idade, comandaram a falange por esse mundo fora, alargando as fronteiras do império até zonas impensáveis. O cavalo é representado na estatuária clássica com um peitoral ostentando uma cabeça de Medusa, provavelmente para se tornar ainda mais assustador aos olhos dos adversários.

Bucéfalo veio a encontrar-se com a morte na longínqua Índia, onde terá enfrentado exércitos apetrechados com poderosos elefantes. Ferido, idoso e cansado de tantas batalhas, quebrou o ânimo e pereceu por essas remotas paragens. Seguindo o seu impulso de fundar cidades, no lugar da morte do seu cavalo, Alexandre mandou erigir não outra Alexandria, mas uma Bucéfala. Tratou-se de uma homenagem que pretendia garantir a intemporalidade do seu companheiro de sempre. As ruínas dessa cidade ficam perto de Taxila, no atual Paquistão. Quanto ao imperador, atingidos os confins da Índia, empreendeu a viagem de regresso à Macedónia.

Não a terminou porque sucumbiu a uma febre terrível que acabou por causar a sua morte. Nessa batalha perdida para a doença, que se travou na Babilónia e teve o seu epílogo a 10 de junho de 323 a. C., Bucéfalo já não se encontrava presente.

2. Sírius, o elefante de Aníbal

Sírius era um elefante das Arábias que se veio a notabilizar nos Alpes...

Das situações que envolveram a participação de animais na guerra, porventura a presença dos elefantes de Aníbal na Europa terá sido um dos acontecimentos mais significativos. Este grande general cartaginês foi o autor de um feito que faz parte de todos os manuais de estratégia militar. Com uma força de 30 mil homens, 15 mil cavalos e 38 elefantes, desembarcou na Península Ibérica, atravessou os Pirenéus e os Alpes, atacando as forças do Império Romano pelo lado menos provável. Para imaginarmos o impacto gerado pela travessia da Península Ibérica teremos, por exemplo, de supor que as estranhas criaturas da *Guerra das Estrelas* existem de facto e que, a qualquer momento, poderão desfilar pelas nossas ruas. Os habitantes da Península Ibérica de 218 a. C., perante os paquidermes de guerra, não devem ter tido um choque muito diferente. Os elefantes não só eram gigantescos, como tinham uma morfologia e textura totalmente desconhecidas para esses povos.

O objetivo de Aníbal era destruir Roma, cumprindo assim a promessa feita a Amílcar, o seu pai, quando tinha nove anos. Para esse efeito, resolveu-se por um ataque-surpresa realizado pelo norte! E a ideia terá sido tão brilhante quanto dramática foi a sua execução. Fazemos esta consideração porque apenas um elefante, precisamente o que era montado por Aníbal, sobreviveu à travessia dos Pirenéus e dos Alpes. Mesmo assim, não deixou de assustar as legiões romanas, tendo contribuído para o sucesso do empreendimento cartaginês. No entanto, não se ganha a guerra com uma batalha, e Roma acabaria por vergar Cartago.

O elefante, que sobreviveu à odisseia e enfrentou as legiões, chamava-se Sírius, e ao contrário dos restantes animais, que eram africanos, pertencia a uma subespécie do elefante asiático, muito maior e mais corpulenta, que podia atingir a altura de três metros. Essa subespécie entretanto foi levada à extinção. Dessa odisseia subsiste um mistério que começa agora a ser desvendado: Qual a rota que Aníbal terá seguido para atravessar a muralha natural dos Alpes? Uma tão grande força militar deixa a sua pegada, identificável mesmo depois de tantos séculos; ora, recentes descobertas de excrementos da época, que pela sua quantidade e diversidade apenas podem estar relacionados com a passagem desta força, permitem aos investigadores começar a responder a esse mistério com mais de 2200 anos.

3. Incitatus, um cavalo no senado romano

Incitatus, o cavalo de Calígula, bem poderia ser a metáfora da vontade transformada em poder.

Incitatus, que traduzido para português significa Impiedoso, foi um dos animais mais importantes da história da humanidade. Tratou-se de um cavalo de corrida trazido da Hispânia que foi pertença de Calígula, um controverso imperador romano. Este mandou publicar um édito declarando o equídeo como inviolável e sagrado. O seu estatuto era assim semelhante, ou coincidente com o de Sumo Pontífice. Incitatus residiu num palácio forrado a mármore, com manjedouras de alabastro. Servido por 18 criados e rodeado de cortesãos, vivia assim envolto num luxo invejável. Além desta corte permanente, consta que os costumeiros adulares do imperador não perdiam a oportunidade de com ele partilharem refeições. Conhecemos estes dados a partir de Suetónio, um historiador que viveu entre o ano 69 e o ano 141 d. C., tendo escrito uma obra de referência intitulada *A vida dos doze Césares*. Entre os vários imperadores aí biografados, encontra-se Calígula.

Note-se que a alimentação de Incitatus, só por si, mereceria uma referência histórica. A aveia era frequentemente servida com uma mistura de pequenas pepitas de ouro.

Este imperador romano ficou conhecido pela sua crueldade e insanidade, e os limites dessas características parecem ter ultrapassado as fronteiras do que é pensável. Terá obrigado as irmãs a prostituírem-se, assassinou senadores e espalhou o pânico em seu redor. Mas consta que o seu temperamento nem sempre ostentou tais características.

Calígula era filho de Germânico, um valente general e senador romano, e de Agripina Maior, neta de Augusto, primeiro imperador romano. Uma vez que o pai andava sempre em campanha, o jovem cresceu no meio dos soldados e foi aí que se engendrou o nome pelo qual a história o havia de conhecer. Caio Júlio César Augusto Germânico ficou conhecido por *Calígula*, um derivado de *cáligas*, as sandálias dos legionários que, por seu turno, gostavam muito de o ver andar pelo acampamento assim calçado.

A estranha morte de Germânico, aos 34 anos, levou Agripina a acusar Tibério de ter sido o responsável, pois veria nele um perigoso rival. O imperador procedeu à maneira romana, ou seja, deportou-a para uma ilha remota onde morreu de inanição e garantiu o desaparecimento dos seus dois filhos mais velhos.

Calígula, ainda muito pequeno, foi o único que sobreviveu. Ficou com as suas irmãs à guarda da avó e, no ano 31, foi adotado por Tibério. Como amor com amor se paga, a sua subida ao poder no ano 37 — com 24 anos — deu-se na sequência de uma conspiração que colocou um fim na vida do seu pai adotivo. E Calígula terá participado nela. Se no início pareceu ter perfilhado uma atitude bastante popular agradando sobremaneira ao povo de Roma, uma doença à qual sobreviveu com dificuldade, terá contribuído para fazer revelar o pior de si. Até ao ano 41, quando também ele foi assassinado, espalhou o terror à sua volta.

No entanto, como já ficou escrito, Incitatus não só escapou a essa deriva cruel, como acabou por ganhar com ela. Seguindo progressivamente por uma senda absolutista, Calígula envolveu-se em vários contenciosos com o senado. Terá sido com a intenção de desconsiderar essa instituição que Incitatus foi nomeado senador de Roma. Nada mau para um cavalo que nunca terá corrido, nem terá andado na guerra.

4. Alão, o explorador

Inúmeros animais entraram na história devido ao papel que desempenharam em momentos particulares. É o caso de Alão, no respeitante à História de Portugal. Há até duas versões sobre o que terá acontecido. Claro que a esta distância é impossível saber se o cão foi mesmo determinante numa conquista protagonizada por D. Afonso Henriques, mas a verdade é que o brasão da vila em questão tem um animal desta espécie.

A intervenção providencial de Alão, nome que designa também uma raça canina especializada na caça, remonta ao século XII. Nessa época, D. Afonso Henriques conquistava o que é hoje o território nacional português, em batalhas contra os mouros.

Num desses empreendimentos, o fundador da portugalidade cercara uma povoação acastelada, tomando assim uma primeira medida em ordem à sua reconquista. Esta era a estratégia mais comum à data, mas acontece que essa fortaleza estava bem defendida. D. Afonso Henriques não vislumbrava uma única entrada por onde pudesse romper a defesa mourisca. A povoação em causa dista uns 50 quilómetros de Lisboa.

Uma manhã, num momento de descanso, o rei conquistador reparou num enorme cão que parecia guardar o castelo. O guerreiro refrescava-se no rio quando o cão se aproximou, disponível para receber as festas reais. E Dom Afonso Henriques não se fez rogado, retribuindo a atenção canina e tomando o comportamento do animal como um presságio de boa sorte. Afinal, o guarda até poderia vir a ser um amigo. E decidiu naquele mesmo momento conquistar a praça que tão difícil se mostrara antes. O «Alão quer», terá dito o rei, batizando desta forma a povoação que é hoje em dia conhecida pelo nome de... Alenquer.

Noutra versão da história, Alão terá sido determinante para a conquista de Alenquer, mas só porque se deixou enganar. Nessa lenda, conta-se que o cão recolhia, todas as noites, as chaves das casas e as entregava com a boca ao governador da vila. Numa das noites, terá sido atraído por uma cadela estrategicamente colocada pelos sitiantes, fora das muralhas. Alão deixou-se seduzir

e assim entregou as chaves aos combatentes portugueses, que puderam então tomar de assalto o castelo.

Qual das versões, ou mesmo se alguma delas é verdadeira, ninguém sabe. Mas estão as duas entrelaçadas na história de Alenquer, e o brasão da vila não o deixa esquecer.

Também Soajo, uma freguesia de Arcos de Valdevez, conta com dois cães no seu brasão. Aliás, a heráldica familiar é rica em incluir imagens do melhor amigo do homem. Associados à coragem, vigilância e fidelidade, os cães estão presentes em centenas de brasões familiares portugueses. Os galgos são, porventura, uma das raças mais presentes, integrando nomeadamente os brasões das famílias Arcas, Caiado, Delgado e Castilho. Para além das portuguesas, centenas de famílias inglesas e francesas usam o cão nos seus brasões. Mas a verdade é que nesses símbolos familiares podemos encontrar todo o tipo de animais, de lobos a águias, de elefantes a cobras. Todavia, poucos estão tão ligados à conquista e ocupação de um povoado de uma forma tão determinante como Alão.

5. Bravor: caçadas públicas, afetos privados

A preferência pelo cão como animal de companhia vem de longe. Reis e outros nobres fizeram destes animais grandes aliados de caça, numa das atividades mais praticadas pelas elites ao longo dos tempos. Não houve soberano, digno desse nome, que não contasse em casa com meia dúzia de «especialistas» de quatro patas.

Durante séculos, a caça foi uma ocupação fundamental: era uma atividade lúdica, que proporcionava convívio entre os poderosos. Muitas vezes também oferecia o primeiro treino militar a príncipes e até a reis, preparando-os para comandarem as suas tropas. Na verdade, há muito em comum entre estas duas atividades; nos dois casos trata-se de definir abordagens, estabelecer estratégias e planos de ataque. Além disso, também permitem conviver com o insucesso.

Na maior parte dos casos não os conhecemos pelos nomes, e sabemos a sua história de forma vaga e indireta; impregnados de uma cultura guerreira, os membros das casas reais habituavam-se

a esconder os seus afetos. Esta atitude aplicava-se quer a outros seres humanos — recorde-se que os casamentos resultavam de combinações de interesses —, quer aos seus animais de estimação.

Bravor e Rabez são o exemplo oposto desses casos, pois até os conhecemos pelos nomes próprios. Integram a matilha de D. João I, um exímio caçador que tanto era bem-sucedido na caça pequena como na grossa, que é como quem diz, tanto apanhava lebres como javalis... E era pública a afeição do rei pelos seus companheiros caninos, tal como a sua preferência por aqueles dois alões. Foram-lhes oferecidos pelo seu meio-irmão, enquanto ainda era Mestre de Avis.

Não eram certamente cães vulgares e mal treinados, ou não fosse o futuro rei de Portugal um profundo conhecedor das potencialidades caninas, a ponto de ter escrito *o Livro de Montaria*, onde ensina os passos fundamentais para produzir vencedores. Na obra, tanto aconselha tons carinhosos no trato como alimentação cuidada para aprimorar os melhores exemplares caninos. Uma prática ainda mais significativa quando se pensa que não se tratavam de pequenos cachorros mas de exemplares possantes, bem alimentados e devidamente exercitados por longas correrias.

Já aos colos reais, os cães apenas chegarão mais tarde, durante o século XVII, mas para isso já se queriam pequenos, macios e sossegados. E é a essa época que remontam algumas práticas que apareceram para ficar, tal como as de pentear ou perfumar os pequenos amigos.

No século XIX, uma monarca já não escondia a predileção pelo seu animal de companhia: a rainha Vitória de Inglaterra elege os *border collies* como companheiros de eleição da Casa Real Britânica, instituindo uma tradição que se prolonga até hoje. Um dos preferidos de Sua Majestade, de nome Sharp, que terá morrido em 1879, ficou mesmo imortalizado numa estátua de pedra.

6. Guinefort, um cão santo

A estranha história de são Guinefort remonta ao século XIII, e é tão trágica quanto enternecedora. Ter-se-á passado numa localidade francesa chamada Villars-les-Dombes, perto de Lyon, onde um cão ganhou estatuto de santo.